

# **História da Filosofia Medieval I**

**Nilo César Batista da Silva**



**São Cristóvão/SE  
2016**

# História da Filosofia Medieval I

Elaboração de Conteúdo  
Nilo César Batista da Silva

---

## Projeto Gráfico

Neverton Correia da Silva  
Nycolas Menezes Melo

## Capa

Hermeson Alves de Menezes

## Diagramação

Nycolas Menezes Melo

**Presidente da República**  
Dilma Vana Rousseff

**Ministro da Educação**  
Renato Janine Ribeiro

**Diretor de Educação a Distância**  
João Carlos Teatini Souza Clímaco

**Reitor**  
Angelo Roberto Antonioli

**Vice-Reitor**  
André Maurício Conceição de Souza

**Chefe de Gabinete**  
Marcionilo de Melo Lopes Neto

**Coordenador Geral da UAB/UFS**  
**Diretor do CESAD**  
Antônio Ponciano Bezerra

**Coordenadora-adjunta da UAB/UFS**  
**Vice-diretora do CESAD**  
Djalma Andrade

---

**Diretoria Pedagógica**  
Clotildes Farias de Sousa

**Diretoria Administrativa e Financeira**  
Pedro Henrique Dantas Dias

**Coordenação de Cursos**  
Djalma Andrade

**Coordenação de Pós-Graduação**  
Fábio Alves dos Santos

**Coordenação de Formação Continuada**  
Rosemeire Marcedo Costa

**Coordenação Geral de Tutoria**  
Ana Rosimere Soares

**Coordenação de Avaliação**  
Hérica dos Santos Matos

**Coordenação de Tecnologia da Informação**  
Hermeson Menezes

**Assessoria de Comunicação**  
Guilherme Borba Gouy

---

**Coordenadores de Curso**  
Denis Menezes (Letras Português)  
Eduardo Farias (Administração)  
Elaine Cristina N. L. de Lima (Química)  
Evilson da Silva Vieira (Matemática)  
Hélio Mario Araújo (Geografia)  
Lourival Santana (História)  
Marcia Regina Pereira Attie (Física)  
Yana Teixeira Dos Reis (Ciências Biológicas)  
Maria Augusta Rocha Porto (Letras Inglês)  
Valéria Jane S. Loureiro (Letras Espanhol)  
Everaldo Vanderlei de Oliveira (Filosofia)

**Coordenadores de Tutoria**  
Mônica Maria Soares Rosário (Letras Português)  
Ayslan Jorge Santos da Araujo (Administração)  
Viviane Costa Felicissimo (Química)  
Danielle de Carvalho Soares (Matemática)  
Givaldo dos Santos Bezerra (Geografia)  
Carolina Nunes Goes (História)  
Frederico Guilherme de Carvalho Cunha (Física)  
Luzia Cristina de M. S. Galvão (Ciências Biológicas)  
Ana Lúcia Simões Borges Fonseca (Letras Inglês)  
Acacia Lima Santos (Letras Espanhol)  
Rodrigo Pinto de Brito (Filosofia)

---

## **COORDENAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO**

Hermeson Menezes (Coordenador)  
Marcio Roberto de Oliveira Mendonça

Neverton Correia da Silva  
Nicolos Menezes Melo

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"  
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze  
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE  
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474



# Sumário

<b>AULA 1</b>	
A Filosofia Medieval, percursos e contextos.....	07
<b>AULA 2</b>	
Gnosticismo e Cristianismo primitivo.....	23
<b>AULA 3</b>	
Neoplatonismo e Idade Média.....	39
<b>AULA 4</b>	
Marco filosófico entre a antiguidade e o medievo: Agostinho de Hipona (354-430).....	57
<b>AULA 5</b>	
Antropologia filosófica agostiniana.....	75
<b>AULA 6</b>	
A Presciência divina e os futuros contingentes.....	97
<b>AULA 7</b>	
A liberdade humana frente ao problema do mal.....	107
<b>AULA 8</b>	
Linguagem e mística medieval.....	121
<b>AULA 9</b>	
O voluntarismo: a noção de vontade na filosofia medieval.....	131
<b>AULA 10</b>	
O problema dos universais na Idade Média.....	143



# Aula 1

## A FILOSOFIA MEDIEVAL, PERCURSOS E CONTEXTOS

### **META**

Através desta aula o aluno deverá adquirir habilidades argumentativas para situar historicamente a Filosofia na Idade Média, perceber a relevância de seus problemas, sistemas e objetos, estabelecendo ponte entre a antiguidade clássica e a modernidade

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- Perceber o contexto histórico em que surge o pensar filosófico na Idade Média.
- Identificar e problematizar os problemas, sistemas e objetos da filosofia medieval;
- Refletir sobre os principais problemas filosóficos da Idade Média e sua relação com o pensamento antigo.

### **PRÉ – REQUISITOS**

Filosofia helenística II

**Nilo César Batista da Silva**

### INTRODUÇÃO

O nosso principal objetivo na produção deste livro didático consiste em oferecer ao aluno de licenciatura em filosofia recursos didáticos para o amplo acesso às doutrinas filosóficas latinas nos primórdios da Idade Média.

Desde o período do Renascimento, entre os séculos XVI-XVII prevaleceu no meio acadêmico um descaso pela crença difundida de que estudar filosofia medieval seria algo restrito e de interesse especificamente religioso ou eclesiástico. Obviamente essa crença não tinha como fundamento, qualquer conhecimento rigoroso dos textos relevantes, constituía provavelmente uma herança turva do preconceito religioso desse período, somado de alguns obstáculos próprios dos textos latinos que os tornavam menos acessível do que a filosofia de qualquer outra época. Assim a filosofia medieval por mais que tenha sido investigada nos últimos tempos, somos ainda devedores desse pensamento, tendo em vista, o acervo de textos latinos não traduzidos em línguas modernas.

A maior parte da filosofia na Idade Média foi escrita rigorosamente por meio do idioma latim clássico que é de difícil compreensão, por exemplo, os textos latinos da escolástica são repletos de neologismo técnicos difíceis de tradução para as línguas modernas. Outro elemento importante a ser considerado como parte do despreço pela história da filosofia medieval consiste no preconceito que sobrepõe a religião cristã, pois os mais conhecidos filósofos medievais são membros da Igreja católica romana. Além de membro efetivo da Igreja vigente, sua filosofia foi com frequência considerada um ramo da teologia e da apologética. Nesse caso, os problemas filosóficos são interpostos pela ótica da cristandade.

#### O QUE É APOLOGÉTICA?

O termo apologia designa a defesa persistente de alguma doutrina, teoria ou ideia. Na segunda metade do século II, quando os gnósticos criaram seus sistemas, alguns escritores cristãos percorreram um caminho diferente em sua aproximação da filosofia: tais autores cristãos defenderam que a verdadeira filosofia era o cristianismo e, portanto, enfrentaram conscientemente questões filosóficas gregas, procurando demonstrar que suas doutrinas de fé, que aos olhos dos pagãos pareciam novas e, portanto, de pouco significado, eram na realidade mais antigas do que toda a sabedoria grega e bárbara e, portanto, ofereciam aquela verdade com a qual a tradição clássica se afadigara sem chegar a resultados satisfatórios. O principal representante da apologética cristã foi Justino (†163), opondo-se veementemente ao esoterismo da especulação gnóstica. Outros apologistas latinos floresceram entre os anos 170 a 250, onde se destacaram figuras



como Minúcio Félix, advogado romano e Tertuliano padre da Igreja e grande apologista cristão (230). Cf. MORESCHINI, Claudio. *História da Filosofia Patrística*. Tradução de Orlando Soares Moreira, São Paulo, Loyola, 2004, p 70).

Assim, a tarefa que se impõe aos modernos pesquisadores em filosofia medieval é dissipar toda e qualquer falsa crença na autenticidade desta filosofia, no sentido de identificar o lugar de destaque que ela ocupa no todo da história da filosofia. Evidentemente que os textos medievais além de reverberar os grandes problemas filosóficos da antiguidade clássica, nos apresenta novas questões que são suscitadas especificamente no seu tempo.

Na Idade Média destacaram-se filósofos importantes, entre eles Agostinho de Hipona (354-430), Severino Boécio (475—523), Anselmo de Cantuária (1033-1109), Pedro Abelardo (1079-1142), Alberto Magno (1199-1280), São Boaventura (1221-1274), Tomás de Aquino (1224-1274), João Duns Scotus (1265-1308), Nicolau de Cusa(1401-1464), que de fato devem ser considerados autores incontornáveis na compreensão da forma mentis do Ocidente, visto que as suas obras estabelecem pontes que ligam a antiguidade à modernidade de modo criativo e original. Talvez a melhor representação solitária da filosofia medieval como um todo seja a imagem de Boécio, representando a filosofia como uma mulher que oferece liberdade de intelecto e de espírito até mesmo na mais miserável das circunstâncias. O quadro é desenhado em cinco livros de extraordinária prosa e poesia em a *Consolação da Filosofia*.

## A FORMULAÇÃO DO TERMO LATINO PHILOSOPHIAE MEDII AEVI

Petrarca (1373) foi o primeiro a usar a expressão *medium tempus* para designar o período que decorre entre o tempo do Império romano e a época renacentista no século XIV. Também humanistas italianos foram responsáveis pela aplicação estético-literária do conceito de tempo intermediário, esse período que medeia entre o florescimento da língua latina, da literatura e das artes plásticas na Roma antiga e o posterior reflorescimento, ou seja, o renascimento da cultura italiana durante os séculos XV - XVI.

Francesco Petrarca (1304-1374), poeta, humanista, italiano considerado um dos mais importantes poetas líricos. Sua perfeição nos sonetos influenciou muitos poetas posteriores na literatura italiana. Tornou-se destaque pelo seu amplo conhecimento dos autores da antiguidade e sua restauração do latim clássico que lhe atribuiu a qualificação de primeiro grande humanista. Entretanto foi considerado uma das fontes do humanismo latino.



(Fonte: <http://3.bp.blogspot.com>).

A expressão latina « *medii Aevi* », ou seja, Idade Média, foi cunhada somente no século XV, momento em que surge a noção de filosofia Medieval propriamente dita. A gênese do conceito situa-se no contexto da Renascença italiana, embora o humanista Flavio Biondo já havia indicado a existência de uma unidade dos textos filosóficos no período compreendido entre os séculos V e XV, mas foi o bispo de Aleria, Giovanni Andrea de Bussi, quem utilizou o termo pela primeira vez em 1469: “*sed mediae tempestatis tum veteris, tum recentiores usque ad nostra tempora*”, tempos médios que serviam de ponte entre a gloriosa Antiguidade Clássica, a qual se mitificava, e os novos tempos que tinham se voltado para aquele período de esplendor.

O processo histórico de formação do termo « medieval » passa por muitas variações na filologia latina. O qualificativo usual de *media tempesta* como vimos foi empregado pela primeira vez por Giovanni Andrea de Bussi, bispo de Aleriae seu uso generalizou-se com conotações mais ou menos pejorativas até o século XVI, designava, de modo geral, um período intermediário,

obscuro e inculto que separaria o humanismo clássico do humanismo moderno representando, assim, o triunfo do estilo gótico, ou seja, do modo de vida dos povos bárbaro. Ademais, no ano 1518 aparece nos textos de Joaquim Wat a nova expressão *media aetas*, um nome neutro e portador de importantes preconceitos atribuído aos textos latinos. Em seguida surge a terminologia “*medium aevum*” registrada na obra de Christian Keller, intitulada “*história medii aevi*” (1685), o texto se referia a historiografia de Constantino, o Grande, por seu turno, a repercussão da queda de Constantinópla. Segundo os escritos de Christian Keller a história da Idade Média começa com Constantino.



Imperador Constantino – O Grande (272- 337)  
(Fonte: <https://lasemanasetenta.files.wordpress.com>).

### SUBIDA DE CONSTATINO AO TRONO

Constantino I, também conhecido como Constantino Magno ou Constantino, o Grande, foi um imperador romano, proclamado Augusto pelas suas tropas em 25 de julho de 306 e governou uma porção crescente do Império Romano até a sua morte. Knight, A. E. *História do cristianismo*. 11ªed.-Rio de Janeiro:CPAD,2011, P. 33.

A princípio, o rótulo “medieval” não inclui conotação alguma de valor, pois denota apenas uma posição média ou intermediária, inclusive em contraste com o significado corrente de *classico*, que no decorrer da história tomou forma depreciativa aplicando-se cotidianamente àquilo que está mais que ultrapassado, que é incompatível com os padrões civilizacionais da atualidade e, portanto, é verdadeiramente um desqualificativo para aquilo que predica.

De acordo com os historiadores, o conceito de Idade Média não exprime a consciência de uma época, mas uma consciência posterior, entretanto de forma descontínua, não obstante, a filosofia medieval é “medieval” por acidente e não por essência, pois o atributo de medieval nada diz da forma e do conteúdo das tendências próprias dessa época, ou seja, do “espírito” da filosofia desse tempo. Logo, para quem pretende introduzir o conceito de filosofia medieval na periodização da história da filosofia será preciso antes, determinar as fronteiras temporais dessa época e dissecar seus contextos históricos. Alguns fatos históricos constituíram-se por assim dizer o marco convencional que estabeleceu fronteiras entre a antiguidade e a entrada do medievo, entre tais estão o “*edito de Milão*” promulgado em 313, que favoreceu amplamente a implantação e a expansão do cristianismo no império romano; esse fato foi sucedido pela invasão de Roma por Alarico que no ano 410 declara dramaticamente o fim do império, a importância desse fato motivou Agostinho de Hipona a escrever a obra *De Civitate Dei* (413-426), uma exímia filosofia da história romana. E por não dizer, a queda do império romano do Ocidente em 476 marcou historicamente o início de um novo tempo na história universal. Esse novo tempo foi marcado linearmente por aproximadamente dez séculos, por conseguinte, o acontecimento de grande repercussão histórica que vai marcar o final da Idade Média é a tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453, seguida do movimento cismático da Reforma protestante, em 1517.



Edito de Milão  
(Fonte: <https://i.ytimg.com>).

### O EDITO DE MILÃO(ANO 313)

No ano 311 da era cristã havia grande disputa dos pretendentes ao título de imperador romano, “augusto”, entre tais estavam: Constantino e Magêncio, filho de Maximiliano, no Ocidente, e Valério Licínio e Maximino Daia no Oriente. Constantino se aliou a Licínio, concedendo-lhe a mão de sua irmã, Constância, e marchou rumo à Itália contra Magêncio. Em 312, naquela que é lembrada como a Batalha da Ponte Mílvio, mas que na verdade se iniciou em Saxa Rubia, Constantino derrotou Magêncio, que morreu durante a retirada, tornando-se, assim, único senhor do Ocidente. Em 313, ele e Licínio promulgaram o Edito de Milão, que assegurava liberdade de culto aos cristãos e transformava o cristianismo em uma das religiões oficiais do Império Romano. Iniciava-se o processo de integração dos cristãos à sociedade romana e à organização do estado romano. O Edito deu ao Cristianismo o estatuto de legitimidade, comparável com o paganismo e, com efeito, desestabeleceu o paganismo como a religião oficial do Império Romano e dos seus exércitos. Cf. MALUCELLI, Laura. JACOPO Fo. Sérgio TOMAT. *Constantino e a Igreja Imperial IN: O livro negro do cristianismo, dois mil anos de crimes em nome de Deus*. Rio de Janeiro RJ, Ediouro, 2007, p. 29

### PERIODIZAÇÃO E SUBDIVISÃO DIDÁTICA DA FILOSOFIA MEDIEVAL

Sabemos que a história da filosofia medieval foi escrita, em geral, do ponto de vista do cristianismo ocidental. De acordo com o medievalista, Alain De Libera (1948), esse gesto trouxe para toda a história da filosofia algumas consequências, com efeito, “o cristianismo determina os objetos, os problemas, os campos de investigação, avalia, distribui, poda, reparte segundo suas perspectivas, interesses, tradições, impõe seus esquecimentos, imprime suas diretivas e direções. De fato, a duração histórica em que se inscreve a história da filosofia medieval é sempre a do Ocidente cristão. São os acontecimentos da história ocidental cristã que fornecem a grade mínima de legibilidade e que impõem a periodização”. (Cf. De Libera, Alain. 1998, p. 7).

Como dissemos, os limites exatos que marcam o início e o final do período medieval não estão exatamente fixados e muitas vezes variam da perspectiva de cada historiador. Todavia a partir do registro de fatos históricos podemos destacar algumas etapas e fronteiras no percurso do pensamento medieval. Para efeito de aproveitamento didático dividimos basicamente a história da filosofia medieval em dois longos períodos filosófico-teológico: a Patrística que vai do século I a VI e a

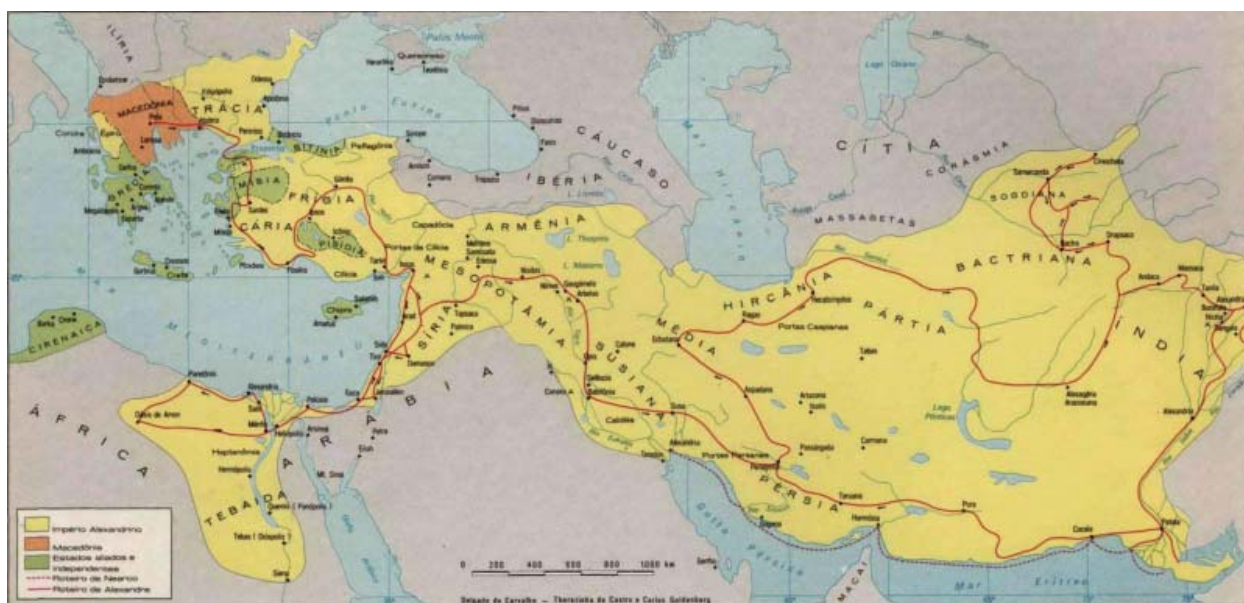
Escolástica, séculos VI-XIV; na transição do mundo tardo-antigo para o medieval estão os Padres da Igreja que articularam um movimento denominado de Patrística, responsável por estabelecer o encontro entre a filosofia grega e o cristianismo nascente. O seu esplendor estende-se do Concílio de Nicéia (325) à queda do Império romano no Ocidente (476). O seu apogeu se dá com o evento do augustinismo (filosofia de Agostinho de Hipona) que se estende ao final do século IV. Fatos que marcaram a transição do mundo antigo para o medieval, inaugurado assim, posteriormente uma nova fase para o pensamento filosófico-teológico, a «Escolástica». Nesse trajeto registramos a presença do filósofo latino Severino Boécio (480-524), alcunhado pelos medievais de *noster summus philosophus*, pois foi ele quem idealizou o projeto de verter para o latim os escritos de Platão e de Aristóteles. A influência de Boécio se estende por toda a Idade Média inaugurando, por assim dizer, a entrada do aristotelismo no medieval.

De acordo com Luís Alberto De Boni, coube ao filósofo Severino Boécio, por primeiro, perceber que, com as invasões bárbaras, o grego deixava definitivamente de servir como elo de comunicação no Ocidente. A partir desta constatação, planejou, com admirável intuição, tornar conhecido aos latinos o que julgava ser o mais importante da cultura filosófica helênica, as obras de Platão e Aristóteles. Portanto, Severino Boécio, provavelmente o último romano de formação clássica, é considerado o primeiro dos medievais, por colocar-se conscientemente no início de um processo que haveria de marcar a Idade Média. (Cf. De Boni, Luís Alberto, 2010, pp 25-26).

Mas, antes, dirigimos, então, nesta disciplina a nossa atenção para um período importante de sete séculos em preparação para o medieval. São os primeiros séculos da era cristã marcados por um processo de helenização do cristianismo, rotulados por alguns historiadores de “filosofia cristã”. Essa filosofia tardo-antiga também foi considerada pela tradição cristã, de filosofia dos «Padres da Igreja» - a Patrística, a qual se caracteriza pelo fato da circulação e produção filosófica está em posse dos Padres gregos e latinos. Assim dedicamos ao estudo da Patrologia.

O programa de estudos da Patrística teve forte influência do neoplatonismo e foi subdividido didaticamente em três importantes etapas. A primeira chama-se de período apostólico, grande parte dos textos originais estão redigidos em grego, cuja característica fundamental desses escritos denotam profunda intimidade com a *Sagrada Escriturae* revelam uma tendência prática de caráter exortativo e moral. A segunda fase da Patrística se estende aproximadamente do século III ao V, período dedicado à defesa do Cristianismo contra seus adversários heréticos, seus membros foram classificados de Padres apologéticos. Um fato histórico que marcou essa época foi o Concílio Ecumênico de Nicéia ocorrido no ano 325 a.C.; outro acontecimento que se destaca para a história da filosofia foi a fundação

da escola de Alexandria caracterizada por um período fértil na produção filosófica, momento em que surgem os primeiros grandes sistemas de filosofia, os quais podem ter influenciado as discussões teológicas dos Padres latinos. Dessa escola de Alexandria surgem filósofos importantes não somente para questões dogmáticas e eclesiais, mas também para reestruturação de problemas metafísicos neoplatônicos no âmbito da história da filosofia medieval, entre eles estão Clemente de Alexandria, Orígenes e Fílon de Alexandria. Segundo especulações gerais, Plotino também recebeu influências desse pensamento oriental.



Mapa de Alexandria  
(Fonte: <http://api.ning.com>).

### ESCOLA DE ALEXANDRIA (180 D. C.)

Alexandria, situada no delta do Nilo, fundada por Alexandre Magno em 331 antes de Cristo, era a cidade helênica que se convertera em ponto de encontro de todas as culturas, crenças e filosofias dos países do mediterrâneo, egípcia, grega e hebraica. Ali nasceu e ensinou o judeu Fílon (30 a. C. – 40 d. C.), um dos criadores do neoplatonismo, e também um dos pensadores que mais contribuíram para a gênese do gnosticismo. Fílon inaugurou uma peculiar exegese alegórica do Antigo Testamento, com uso de elementos platônicos e estoicos. A escola de Alexandria foi fundada em 180 por um estóico siciliano, convertido ao cristianismo na maturidade, chamado Panteno (+ 200), que não deixou nada escrito, mas cujos principais ensinamentos foram recolhidos por um jovem ateniense, que lhe sucedeu na direção da

Escola, chamado Clemente de Alexandria (150-215). Com Orígenes (185-253), anos depois, alcançou o seu máximo esplendor. A Escola alexandrina caracterizou-se por suas preferências filosóficas (optou pelo sistema platônico) e pelo método alegórico na interpretação das Sagradas Escrituras, herdado de Fílon, que, por sua vez, o aprendera dos gregos. SARANYANA, Josep-Ignasi. *A filosofia medieval – das origens Patrísticas à Escolástica barroca*. Tradução de Fernando Salles. São Paulo, IBFC Raimundo Lúlio, 2006, p. 54

Com o apogeu da escola de Alexandria surge a escola de Roma que tem como fundador Plotino, filósofo importante que se ocupou da exímia exegese dos textos platônicos, em particular, de exercitar a interpretação da metafísica platônica. Sua escola ficou rotulada de neoplatonismo e marcou profundamente o medievo obtendo grande influência em filósofos da Idade Média, entre tais, Agostinho de Hipona, São Boaventura, Nicolau de Cusa. Os escritos de Plotino foram amplamente divulgados por seu discípulo Porfírio que se encarregou de transportar para a cultura latina os textos do mestre.

O filósofo africano, Agostinho de Hipona (354-430) marca terminantemente o apogeu da Patrística, através de Mário Vitorino foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e vai se tornar o principal expoente para o pensamento filosófico-teológico medieval.

### **ACONTECIMENTO HISTÓRICO DO CRISTIANISMO – OS CONCÍLIOS E SUAS REPRESENTAÇÕES MEDIEVAIS.**

Os Concílios constituem a mais alta expressão da doutrina da Igreja. São reuniões ou encontros extraordinários e solenes para estudar e regulamentar matérias de doutrina, administração, disciplina e outros assuntos da Igreja, de uma província eclesiástica ou de várias Igrejas. Os Concílios terminam geralmente em formulações doutrinárias: constituições, decretos, cânones ou artigos que determinam a prática a seguir em matéria de fé e costumes. Nicéia constitui um ponto referencial na história dogmática do cristianismo, porque foi o Concílio que diante da heresia ariana, defendeu a criaturalidade do Filho, (Jesus de Nazaré), isto é, afirmou a divindade do Verbo encarnado, o Filho de Deus. No credo niceno, confuta-se o arianismo por afirmar que o Filho foi criado do nada. Assim reza o credo niceno: « Ele é Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não-criado (gennêthénta ou poiêthénta), consubstancial ao Pai». Ora ele é diferente das criaturas



porque pertence ao plano divino. Os heréticos, no entanto, não aceitavam essa argumentação, afirmando que Deus nem sempre foi chamado Pai do Filho, mas quando o Filho foi feito e criado, também Deus foi chamado Pai dele. “O Lógos é diverso do Pai, segundo a substância, para os arianos.

Os mais destacáveis concílios ecumênicos reconhecidos tanto pelos ortodoxos quanto pelos católicos são os seguintes:

I Concílio de Nicéia (325).

I Concílio de Constantinopla (381).

Concílio de Éfeso (431).

Concílio de Calcedônia (451).

II Concílio de Constantinopla (553).

III Concílio de Constantinopla (680-681).

II Concílio de Nicéia (787).

Concílios reconhecidos pela Igreja Romana:

IV Concílio de Constantinopla (869-870).

Concílio de Trento (1545-1563).

Concílio Vaticano I (1869-1870).

Concílio Vaticano II (1962-1965).

Cf. SANTIDRIÁN, Pedro R. Breve Dicionário de Pensadores Cristãos. Tradução de Laura Nair Silveira Duarte, Aparecida SP, Editora Santuário, 1997, 145-146.

Torna-se importante notar que a produção filosófica na Idade Média também foi amplamente marcada por duas vertentes da antiguidade clássica, a saber, o platonismo e o aristotelismo, os quais ampliaram durante séculos influenciando as doutrinas filosóficas da Idade Média. Os séculos XI-XIII caracterizam-se basicamente por grandes discussões entre dialéticos e antidialéticos, também marcado pela intensidade das questões da natureza e presciência divina, futuros contingentes e dos Universais, as quais prevalecem desde Severino Boécio e alcançam Guilherme de Ockham (1285-1347). O esplendor do pensamento escolástico que se deu no século XIII, coincidia com a fundação das universidades, cujos principais centros filosóficos situavam-se em Paris, Oxford, Toulouse, Colônia e Nápoles marcado pela forte influência do aristotelismo. Como recepcionista do aristotelismo na Península Ibérica, temos o papel fulcral da escola de Toledo que se ocupou intensamente na tradução dos textos arábicos de filósofos importantes na inserção do aristotelismo no Ocidente, tais como Avicena (980-1037) e Averróis (1126-1198).

Foi a mediação árabe que levou Aristóteles para o Ocidente tornando a filosofia um saber transcultural e trans-histórico. Obviamente que a cultura árabe não recebeu um Aristóteles ‘quimicamente puro’, pois o

legado encontrado por ela vinha marcado por forte dose de neoplatonismo. Assim, a Filosofia árabe constituiu-se de uma mescla de Teologia corânica, de aristotelismo e de neoplatonismo, sendo que boa parte dos seus filósofos pensava mesmo que era possível conciliar Platão e Aristóteles. Averróis foi dos poucos que julgou impossível esta conciliação e procurou purificar o pensamento aristotélico dos traços neoplatônicos. Os ocidentais, séculos mais tarde, haveriam de repetir a experiência árabe. Acontece que algumas teses caras aos neoplatônicos nos aproximavam das religiões reveladas; tais eram, entre outras: a unidade de Deus, a existência de um mundo ideal, a procedência das coisas a partir do Uno e o retorno de tudo a ele, a contemplação da divindade como um estágio superior da existência humana, etc. Observe-se, aliás, que, já bem antes dos árabes, a Patrística havia percebido esta proximidade entre neoplatonismo e cristianismo, como se pode ver muito bem nos textos dos padres gregos e, principalmente, nos de Agostinho, que optou de forma explícita pelo neoplatonismo, relegando outras correntes do pensamento grego. (Cf. De Boni, *Op., Cit.*, 2010, p. 39).

De acordo com o historiador da filosofia, Anthony Kenny, no início do século XII, as únicas obras de Aristóteles conhecidas em latim eram as *Categorias* e o *De interpretatione*, nas traduções de Severino Boécio. Aproximadamente vinte anos mais tarde, as traduções de Boécio foram resgatadas do verdadeiro esquecimento, por iniciativa de Jaime de Veneza que traduziu os *Segundos analíticos*, completando o Organon latino. Por volta de meados do século, Jaime de Veneza traduzira também a Física e o *De Anima*. Portanto, no começo do século XIII, os filósofos tinham à sua disposição um *corpus* bastante expressivo de textos aristotélicos e uma produção bastante expressiva de comentários da filosofia de Aristóteles. Muitas dessas primeiras traduções foram substituídas pelo trabalho de tradutores posteriores, particularmente Guilherme de Moerbeke, que trabalhou entre 1260 e 1280, e cujas versões receberam status canônico devido à sua utilização por Tomás de Aquino e outros importantes escolásticos. O Segundo período em que ocorreu o apogeu da Escolástica, chamamos de baixa Escolástica que vai da morte do filósofo Duns Scotos até fins do século XIV, ainda fortemente marcado pela influência do aristotelismo. (Cf. KENNY, Anthony, 2008, pp. 75-76)

Dada a importância do longo período da história da filosofia medieval é que a nossa grade curricular de Licenciatura em Filosofia reserva duas disciplinas para o melhor aproveitamento de seus conteúdos. Assim dividimos em História da filosofia medieval I, objeto desse nosso livro didático em curso, em que trataremos da filosofia nos primeiros sete séculos da era cristã, denominada por filosofia Patrística; posteriormente cursaremos outra disciplina intitulada por História da filosofia medieval II, na qual prosseguimos com o programa da alta escolástica e baixa Escolástica no desembocar do Renascimento.

## CONCLUSÃO

Caros leitores, o surgimento da história da filosofia medieval nos parece surpreendentemente relevante não apenas a partir de uma visão “racional” da filosofia, mas também pelo cenário intelectual que se apresenta. Ao que parece, chegamos à conclusão de que a primeira coisa que um estudante deve aprender ao abordar a Idade Média, é que o termo Idade Média enquanto noção conceitual não existe. Todavia o significado literal de medieval não inclui conotação nenhuma de valor conceitual, pois denota apenas uma posição média ou intermediária da filosofia. O referencial único é a sucessão de doutrinas e das trajetórias individuais dos autores que compõe uma “história da filosofia medieval”, portanto devem ser considerados uma filosofia na sua qualificação própria independente da rotulação que a recebe. Sem perdermos de vista que nesse período a relação entre cristianismo e filosofia grega foi inusitada por alguns que deu visibilidade ao aspecto da interação mais ampla entre cristianismo e cultura greco-romana, e para outros que enxergavam apenas sob a ótica da oposição polêmica entre cristianismo e filosofia, que data desde a depreciação paulina (Apóstolo Paulo) (especificamente a sabedoria buscada pelos gregos) e sua alerta contra a “filosofia e a fraude vazia”. Mesmo assim, dada as divergências no interior do próprio pensamento medieval, não podemos dizer que a filosofia medieval seja desprovida de qualquer importância para a história da filosofia. No âmbito da diversidade e dos contrastes que o configuram, a Idade Média consiste no campo fértil de produção filosófica nas diversas áreas do conhecimento, a lógica, a epistemologia, a ontologia e a teologia.



## RESUMO

A aula pretende introduzir o estudo da história da filosofia medieval. Nessa introdução percebemos que a presença da filosofia antiga na filosofia medieval é tão incontornável que, sem a filosofia da Idade Média, a tradição filosófica da antiguidade clássica não teria sobrevivido até hoje. Certamente, o conceito de Idade Média exprime para a história da filosofia, não a consciência da época que consigna, mas uma consciência posterior e descontinuante, não seria de esperar que as fronteiras históricas da Idade Média fossem obviamente sugeridas por uma unidade estrutural da época medieval. Portanto, torna-se claro que a Idade Média não é uma época menor da história da filosofia e, para o reconhecêmos, basta recordar e comparar o impacto de algumas das grandes obras estruturantes do pensamento ocidental, entre as quais algumas medievais, por exemplo:

tanto A República, de Platão, quanto A Cidade de Deus, de Agostinho de Hipona, nunca deixaram de constituir referências para a filosofia política e a filosofia da história. Outro parâmetro fundamental para compreensão da filosofia na Idade Média é perceber a influência da problemática da filosofia antiga nesse pensamento. É inegável a presença da filosofia antiga na filosofia medieval: Platão, por mediação, sobretudo, do estoicismo e do neoplatonismo; e Aristóteles, embora não uniformemente ao longo da história da filosofia.

Palavras Chaves: Filosofia medieval, Idade Média, contexto histórico.



### ATIVIDADES

1. Quais os problemas filosóficos que devem ser considerados a confluência entre filosofia medieval e filosofia antiga?
2. Vimos que a filosofia medieval recebe influência do neoplatonismo e do aristotelismo, portanto, sugiro pesquisar três autores medievais que apresentam alguns aspectos do neoplatonismo, evidenciar estes aspectos em alguns de seus escritos.



### PRÓXIMA AULA

Será sobre as doutrinas do Gnosticismo e a relação com o Cristianismo primitivo.

### REFERÊNCIAS

- KENNY, Anthony. **Uma nova história da Filosofia Ocidental – filosofia medieval**. Tradução Edson Bini e Revisão de Marcelo Perine. São Paulo, Edições Loyola, 2008. Ver edição em <https://books.google.com.br/books?id=oS29wpogSdoC&pg>
- SANTIDRIÁN, Pedro R. **Breve Dicionário de Pensadores Cristãos**. Tradução de Laura Nair Silveira Duarte, Aparecida SP, Editora Santuário, 1997, 145-146. Ver edição disponível em <http://portalconservador.com/livros/Pedro-Santidrian-Breve-Dicionario-de-Pensadores-Cristaos.pdf>
- DE LIBERA, Alain. **A filosofia medieval**. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva, São Paulo, Loyola, 1998, p. 7.

GILSON, Étienne. **O espírito da filosofia medieval**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2006. Ver edição disponível em <http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2012/10/A-Filosofia-na-Idade-M%C3%A9dia-Etienne-Gilson.pdf>

SARANYANA, Josep-Ignasi. **A filosofia medieval – das origens Patrísticas à Escolástica barroca**. Tradução de Fernando Salles. São Paulo, IBFC Raimundo Lúlio, 2006.

DE BONI, Luís Alberto. **A entrada de Aristóteles no Ocidente Medieval**. Porto Alegre, Est edições, Porto Alegre, 2010, pp 25-26.

MALUCELLI, Laura. JACOPO F. Sérgio TOMAT. **O livro negro do cristianismo, dois mil anos de crimes em nome de Deus**. Rio de Janeiro RJ, Ediouro, 2007, p. 29

[https://jandirainbow.files.wordpress.com/2010/05/o\\_livro\\_negro\\_do\\_cristianismo\\_-\\_jacopo\\_sergio\\_laura\\_malucelli\\_.pdf](https://jandirainbow.files.wordpress.com/2010/05/o_livro_negro_do_cristianismo_-_jacopo_sergio_laura_malucelli_.pdf)

**Revistas de filosofia medieval:**

<http://www.saoboaventura.edu.br/publicacao/scintilla/scintilla.vm>

<http://ojs.letras.up.pt/index.php/civaug/index>

<http://seer.ufs.br/index.php/HEN>

<http://www.principios.cchla.ufrn.br/00.html>